

A (est)ética do cuidado e religiosidade contemporânea: A Igreja Universal do Reino de Deus em perspectiva*

Por Mary Rute Gomes Esperandio**

Resumo:

Este estudo coloca em relevo a questão da (est)Ética do cuidado desde a perspectiva religiosa. Mais concretamente, apresenta, através de duas histórias de vida, uma (est)Ética que se delinea e se difunde a partir de um tipo específico de religiosidade que se tem estabelecido no Brasil e no exterior nos últimos 27 anos pela Igreja Universal do Reino de Deus. Desenvolvo, aqui, uma análise do cuidado enquanto oferta e propagação, por essa igreja, de uma técnica para lidar com o sofrimento. Ao focalizar a compreensão de sofrimento que reside nessa técnica, evidencia-se, aí, um modo de ser no mundo. Portanto, uma ética e uma estética da vida. Permeia e conduz a presente reflexão, perguntas tais como: A chamada “Pare de sofrer” e a subsequente oferta de felicidade apresentada por essa igreja, poderia ser compreendida como prática de “cuidado”, quais as implicações ético-estéticas no modo IURDiano de lidar com o sofrimento?

Palavras-chave:

Igreja Universal do Reino de Deus – sofrimento – cuidado – subjetividade – ético-estético

Duas histórias de vida

A história acontece no sul do Brasil. Porto Alegre. Uma senhora de 41 anos de idade, bela aparência, casada, com três filhos, pensa em suicídio¹. Encontra-se em depressão profunda. Busca ajuda médica e religiosa. Da religião recebe a orientação para a realização de mais trabalhos para anular o mal que está sobre ela e, assim, encontrar alívio. Da medicina recebe pílulas para dormir e um conselho: freqüentar um Centro Espírita para receber passes. Nem pílulas para dormir, nem passes, nem

* Trabalho apresentado no III Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral – 05-07 de julho de 2004 – Faces do cuidado: Teologia, Psicologia, Filosofia e Educação em diálogo

** Psicóloga. Doutoranda em Teologia Prática no Instituto Ecumênico de Pós-graduação - Escola Superior de Teologia. São Leopoldo.

¹ História de N.R.S.F., uma senhora residente em Porto Alegre, freqüentadora da IURD há 3 anos. Entrevista realizada em 13.12.03.

trabalhos nas Casas de Religião ajudam-na a sair do estado de depressão e da idéia, quase fixa, de cometer suicídio. Sem dormir por mais de 30 dias, decide que o caminho será mesmo pôr fim à própria vida. Em sua insônia desesperada e planejando uma saída que considera definitiva, liga a televisão e ouve uma promessa: “Pare de Sofrer! Venha participar das Reuniões da Felicidade!” Seria uma promessa credível? Valeria a pena, ainda, tentar mais essa alternativa? Sua atenção é presa pelos testemunhos que ouve e se reconhece neles. Histórias muito reais que parecem ser a sua própria! Ela já tentou tantas outras coisas, por que não mais essa oferta? Assim, ao final do programa de TV, ela toma o copo de água colocado sobre o aparelho, como orientado pelo bispo minutos antes, ajoelha-se diante da TV e acompanha, em prantos, a oração feita pelo bispo. Depois de 30 dias consecutivos com insônia, dorme pela primeira vez. Nádia (nome fictício) decide freqüentar a IURD. Apega-se a uma pastora que a recebe quando de sua primeira visita a igreja. Mas poucas semanas depois, sem nenhum aviso precedente, a pastora é transferida para outro Estado. Nádia diz “enfraquecer-se na fé”. “O pastor substituto afirma-lhe que seu apego deve ser a Deus, não com pastores ou pastoras”. Nádia conta que em poucas semanas depois que começou a freqüentar a IURD e entrou nas Correntes de sacrifício, incluindo a Fogueira Santa, deixou de tomar os remédios para dormir, foi vencendo a depressão, e aos poucos, “recuperando a vida financeira”. Ao ser perguntado sobre as ofertas de sacrifício, ela afirma convicta que “só faz o sacrifício quem crê, quem tem fé. Ela acredita ser uma pessoa “ungida para ser uma vencedora”. Por isso, diz ela, “tenho de tomar a frente, porque sou cabeça – eu é quem devo dirigir a empresa, porque eu sou cabeça e não cauda. Agora não sou mais uma figura decorativa aqui na empresa. Eu é quem dirijo tudo isto aqui”. Nádia diz estar muito feliz agora. Uma felicidade que nunca antes experimentara, antes de ir para a IURD. Para ela, o segredo é perseverar. Vai a igreja todas as segundas, quartas, quintas e domingos e afirma ter freqüentado a igreja “por dois anos seguidos, de Segunda a Segunda”. Meio ano depois dessa entrevista, encontro Nadia ainda “firme na fé”, feliz, freqüentando as reuniões da IURD.

Uma menina de oito anos, negra, morre em Londres no dia 25 de fevereiro de 2000, vítima de abuso e hipotermia². Os acusados são a tia (Marie Thérèse) e seu namorado (Carl Manning). De acordo com o The Guardian, a menina, Victória Climbié, havia sido enviada pelos pais, de uma pequena cidade de Ivory Coast (África), para morar com a tia, em Paris, dezoito meses antes. A tia mudou-se, em seguida, para Londres. Os pais de Victória tinham a esperança de que com a tia, na Europa, a menina receberia boa educação e uma vida melhor. Por alguma razão não explicada, a tia estava convencida a estava possuída por maus espíritos. Assim, a tia e o namorado batiam na menina e a colocavam dentro de um saco plástico amarrado, num banheiro frio e escuro onde a mantinham por longos períodos de tempo. Tal abuso justificava-se pela crença de que estavam tentando, por esse método, exorcizar o demônio que possuía o corpo da criança. Para eles, um dos sinais de que o espírito mal continuava no corpo da criança era o fato de que ela parecia não sentir dor, ainda que apanhasse muito, nunca chorava.

Em razão de não terem conseguido exorcizar os maus espíritos do corpo da menina, e convencidos de que a mesma estava possessa, a tia a levou a uma série de igrejas, evangélicas, incluindo, aqui, a Igreja Universal do Reino de Deus. O relato do encontro com pastores de igrejas evangélicas está registrado nas páginas 134 a 138 do processo judicial. No período de uma semana, a última de Victória ainda com vida, ela e a tia foram atendidas pela IURD várias vezes, e Victória foi exorcizada, sem sucesso. Apesar de terem percebido que a menina parecia doente, nada foi feito em relação a isso. Antes, foram convidados a retornarem às reuniões de Sexta feira – de Libertação e oração forte. No Domingo, o pastor aconselhou a tia a levá-la ao hospital, pelo visível estado de doença apresentado pela menina. Quando retornaram

² Este caso foi apresentado pela Dra. Jone Salomonsen, em palestra sob o título: “The Dark side of Pentecostal enthusiasm and sacrificial religion: Abraham and Sara in Knutby, Sweden”, na International Research Conference: “Spirits of Globalisation: Cross-cultural and Theological Perspectives on Neo-Pentecostalism and Experiential Spiritualities”, 9-12. de junho de 2004. O caso, relatado pelo The Guardian também, está disponível na internet, em: <http://news.bbc.co.uk/1/hi/uk/2062590.stm>. Acesso em 01 de julho de 2004. O relatório oficial, fornecido pelo governo britânico, também se encontra disponibilizado em: <http://www.victoria-climbie-inquiry.org.uk/finreport/introduction.htm> Acesso em 01 de julho de 2004.

à igreja na semana seguinte, na Quinta-feira, Victória mal podia caminhar. O pastor da IURD insistiu com a tia para levar a criança para o hospital, mas infelizmente era tarde demais. O pastor Álvaro Lima admitiu que se preocupou com o estado de saúde de Vitória, “mas fracassou em contactar o serviço social [do governo] a respeito de suas preocupações”³. No dia seguinte, Victória estava morta. Uma morte trágica, causada por abuso, tortura e negligência.

O relatório aponta que Victória teve, pelo menos, 12 chances de ser salva, o que não aconteceu em razão da negligência dos profissionais envolvidos: hospitalar, social, policial. A morte de Victória fez o governo repensar os procedimentos em relação ao cuidado das crianças, realizados por Serviços de Assistência à Criança. Algumas pessoas foram demitidas, outras foram afastadas e multadas. Mas nada no relatório aponta para qualquer participação na responsabilização da igreja na morte da menina. Em que medida as pessoas da igreja, que tiveram contato com Victória e Mariè Thèrese, podem ser responsabilizadas por negligência no cuidado?

Dois casos com processos e “finalizações” bastante distintas. A apresentação de ambos, colocando-os lado a lado, permite-nos um olhar para esse modo de ser igreja, sob uma perspectiva que pergunta sobre a responsabilidade ética de quem lida com pessoas que sofrem. Há, nas duas narrativas, algum elemento “comum”? O que podemos refletir acerca do sofrimento e cuidado em dois casos tão distintos? O que é possibilitado a Nádia experimentar e mudar sua história e negado como possibilidade a Victória?

E uma pergunta que não cala: Por que a IURD falhou na oportunidade de cuidado e “salvamento” da menina Victória?

³ <http://www.rickross.com/reference/universal/universal28.html> Acesso em 01.07.04

Uma breve incursão ao significado de Cuidado

A palavra cuidado é ambígua. Tanto traz a noção de zelo, desvelo, solicitude e atenção dispensados a alguém ou a algo, como também traz a idéia de preocupação e ansiedade. Se fizermos uma breve “genealogia do cuidado” veremos que seu significado tem sido transformado ao longo da civilização. Essa transformação tem implicação direta na subjetividade, pois há uma relação íntima entre cuidado, ética e subjetividade.

Quando um dia o Cuidado atravessou um rio, viu ele terra em forma de barro: meditando, tomou uma parte dela e começou a dar-lhe forma. Enquanto medita sobre o que havia criado, aproximou-se Júpiter. O Cuidado lhe pede que dê espírito a essa figura esculpida com barro. Isso Júpiter lhe concede com prazer. Quando, no entanto, o Cuidado quis dar seu nome à sua figura, Júpiter o proibiu e exigiu que lhe fosse dado o seu nome. Enquanto o Cuidado e Júpiter discutiam sobre os nomes, levantou-se também a Terra e desejou que à figura fosse dado o seu nome, já que ela lhe tinha oferecido uma parte do seu corpo. Os conflitantes tomaram Saturno para juiz. Saturno pronunciou-lhes a seguinte sentença, aparentemente justa: Tu Júpiter, porque deste o espírito, receberás na sua morte o espírito; tu Terra, porque lhe presenteaste o corpo, receberás o corpo. Mas, porque o Cuidado por primeiro formou essa criatura, irá o Cuidado possuí-la enquanto ela viver. Como, porém, há discordância sobre o nome, irá chamar-se homo (homem), já que é feito de húmus (terra) (Heidegger: 1988, p. 263-4).

Essa fábula de Higínio, também contada por Goethe no segundo ato de Fausto, traz o título “Cura”, e conforme Henz observa, Heidegger a põe no coração de sua obra fundamental “Ser e Tempo”. Henz afirma que “o filósofo insistirá que é preciso pensar o zelo, o cuidado, num sentido originário como um modo de ser do humano”. (Henz, 1996, p. 18). O cuidado pré-figura a existência humana, perpassa-a e a constitui. Para que o ser humano possa continuar existindo é preciso que alguém primeiro o cuide. Essa anterioridade do cuidado, como condição fundante da continuidade da existência humana é vista na alegoria do Cuidado como possuidor da criatura humana: “irá o Cuidado possuí-la enquanto ela viver”. O cuidado tem,

portanto, íntima relação com a estilística da existência, com uma ética que determina o nosso modo de ser no mundo.

Foucault, em sua obra “Tecnologias do Eu”, oferece-nos uma genealogia do conceito do “cuidado de si” e muito contribui para a presente reflexão. Segundo ele, o preceito de ocupar-se de si mesmo (cuidado de si, preocupação por si, inquieto por si) “era, para os gregos, um dos princípios da cidade, uma das regras mais importantes para a conduta social e pessoal e para a arte e para a vida” (Foucault: 1996, p.50). Foucault pontua que nos textos gregos e romanos, o cuidar-se de si está em íntima relação com o dever de conhecer-se a si mesmo. No Cristianismo, a obrigação de conhecer-se a si mesmo e cuidar-se de si mesmo sofreu uma transformação importante no significado do cuidado de si. Ao conhecer-se a si, e reconhecer-se como pecador que precisa de salvação, esta salvação não se traduziu como salvação presente, na vida cotidiana – como cuidado de si. A salvação, entendida como salvação para além da vida, fez com que o cuidado de si, na vida presente, tomasse a forma de “renúncia de si”, renúncia ao mundo.

Assim, enquanto “na cultura greco-romana o conhecimento de si se apresentava como a conseqüência da preocupação por si, no mundo moderno, o conhecimento de si constitui o princípio fundamental” (Foucault: 1996, p. 55). Para Foucault, o conhecimento de si, na tradição cristã, configurou-se de duas formas: como penitência, martírio, pela manifestação pública do estatuto de pecador, e também na confissão de si como pecador e obediência ao mestre. O que há em comum entre ambas, é a renúncia de si, a renúncia ao próprio desejo, ao próprio eu. “O tema da renúncia a si mesmo é muito importante. Ao largo de todo o cristianismo existe uma correlação entre a revelação do eu, dramática ou verbalmente, e a renúncia ao eu” (Foucault: 1996, p. 94). Foucault prossegue dizendo que sua hipótese é de que a verbalização se tornou mais importante.

Por ser uma religião de salvação, o Cristianismo, “deve conduzir o indivíduo de uma realidade à outra, da vida à morte, do tempo à eternidade. Para conseguir

isso, o cristianismo impõe uma série de condições e de regras de conduta com o fim de obter certa transformação do Eu” (Foucault: 1996, p. 80). Além disso, sendo uma religião confessional, funciona pela imposição de certo número de regras e de verdades que devem ser aceitas, e não só o sujeito deve crer em certas verdades como também demonstrar que crê. Em relação à confissão, Foucault observa que

Cada um tinha o dever de saber quem é, quer dizer, que se empenhe em descobrir, aquilo que passa em si mesmo, que admita suas faltas, que reconheça suas tentações, localize seus desejos; cada um deve em seguida revelar essas coisas seja a Deus, seja aos outros membros da comunidade, conduzindo desta maneira a um testemunho, público ou de caráter privado, sobre si próprio. As verdadeiras obrigações com relação à fé e em relação si mesmo estão ligadas entre si. Esse vínculo permite uma purificação da alma, impossível sem o conhecimento de si (Foucault: 1996, p. 81).

Ao mesmo tempo em que se constata a renúncia de si promovida pelo modo de existência cristã do “cuidado de si”, observa-se também uma mudança na prática do cuidado do outro. Enquanto o cuidado do outro, para os gregos, era uma realização que se dava a partir do cuidado de si e de suas relações, no Cristianismo, o cuidado do outro se configurou como expressão da caridade cristã, vivência do Evangelho, ou motivada por objetivos de missão/evangelização.

O significado do cuidado de si e do outro se transforma e toma diferentes configurações sociais. Na modernidade, o cuidado de si também se tornou especialização de profissionais, uma forma de secularização da prática pastoral cristã. O cuidado de si encontrou formas de expressão diversas, nas diferentes práticas que emergiram em razão do conhecimento que o ser humano realizou a respeito de si próprio. Surgiram as “ciências especializadas em cuidado”. Foucault chamou de “tecnologias do eu”, às técnicas que “permitem aos indivíduos efetuarem, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos, com a finalidade de alcançar certo

estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, ou imortalidade” (Foucault: 1996, p. 48).

Na Contemporaneidade, o cuidado de si parece estar tomando uma configuração que se assemelha a auto-ajuda, à procura por elevada auto-estima e autoconfiança e evitação de qualquer tipo de mal-estar.

Da perspectiva de cuidado de si e cuidado do outro, enquanto tecnologias do eu, de transformações subjetivas, é que gostaria de direcionar o olhar para a práxis IURDiana em sua proposta de ajuda às pessoas que sofrem.

A IURD e sua proposta de ajuda

A Igreja Universal do Reino de Deus tem buscado ser identificada como “Centro de Ajuda Espiritual” e/ou “Centro de Ajuda Coletiva (Brasil e Portugal). “Help Center” (Centro de Ajuda) em países de língua inglesa. Que tipo de ajuda seus Centros oferecem? Eles oferecem ajuda para aquele “que sofre de problemas financeiros, sentimentais e de saúde”. E nomeia os sofrimentos: depressão, ataque de pânico, dores de cabeça, ansiedade, desemprego, solidão, alcoolismo, envolvimento com drogas, problemas familiares, dívidas e doenças graves⁴ (Câncer e vírus do HIV).

Para além da oferta de ajuda ao que sofre a IURD promete a própria felicidade. Ela garante que “depois do atendimento, as pessoas que realmente buscam a presença de Deus mudam o seu comportamento diante da vida e encontram a solução para todos os seus problemas. Elas, finalmente, conseguem encontrar a felicidade...” Os centros estão abertos todos os dias da semana, durante todo o dia. Dependendo do país, são realizadas de 3 a 7 reuniões por dia. Para cada

⁴ [Http://www2.arcauniversal.com.br/arcanews/integra.jsp?cod=23959&codcanal=36](http://www2.arcauniversal.com.br/arcanews/integra.jsp?cod=23959&codcanal=36) Acesso em 20.04.04. Essa mesma informação é encontrada em papéis distribuídos com propaganda das Reuniões.

dia da semana, um sofrimento específico é tratado: Às segundas feiras, cuida-se daqueles que tem problemas financeiros. O Congresso dos Empresários tem por objetivo “ensinar uma fórmula para alcançar o sucesso financeiro e estabelecer um projeto de vida que se resume numa listagem dos bens de consumo que se deseja conquistar como: casa própria, casa na praia, um carro importado, etc.”. Nas terças-feiras, cuida-se da saúde física, emocional e espiritual. Promete-se a cura de doenças graves, e também a cura das doenças que tem origem em problemas emocionais e espirituais: depressão, ansiedade, “encosto”, inveja, etc... Na Quarta feira, educa-se o povo, cuidando do seu saber espiritual. É preciso conhecer as doutrinas para saber cuidar melhor de si. Na Quinta feira, cuida-se da família: das relações entre os casais e do relacionamento familiar. Na Sexta feira, é dia de Libertação. O exorcismo dos maus espíritos é a tônica e a técnica para manter o espírito livre. No Sábado, Terapia do Amor. No Domingo, a busca pelo Espírito Santo, com a finalidade de manter o sucesso e a prosperidade material.

Retomemos as duas histórias. Tomaremos mais tempo na história de Nádia. A tragédia de Victória constitui-se como uma denúncia de todo um sistema, incluindo o religioso, que falha em sua função de cuidado.

Por que também a IURD falha na possibilidade de participar de um outro modo na vida de um ser humano em sofrimento, vítima de uma rede social cujo olhar se faz míope frente à prática do cuidado?

O processo jurídico dá conta de que nos últimos 7 dias de vida, Victória esteve presente na IURD por, pelo menos, 4 vezes: Sexta, dia 18 de fevereiro de 2000, Sábado (dia 19), Domingo (dia 20) e na Quinta-feira, dia 24 de fevereiro de 2000, data que antecedeu à sua morte. O processo registra que Victória foi levada para a IURD, pela primeira vez, na Sexta-feira, na Reunião de Libertação. Nessa reunião ela foi exorcizada no podium e o pastor entrevistou-a frente ao público⁵. A tia fez um

⁵ Lê-se no processo: “During the course of the prayers, Victoria began to scream and shout. She was saying that she wanted to put excreta and saliva in her mother's food. Victoria was led from the

contato telefônico com a igreja depois desse dia, afirmando que Vitória “havia melhorado”. Obviamente, a igreja não questionou a hipótese levada por Marie Therese sobre possessão demoníaca de Victória. Ao contrário, confirma-a pelo exorcismo e orienta que voltem na Sexta feira seguinte, pois nas Reuniões de Libertação se faz a “oração forte” para expulsão dos demônios. Apesar de perceberem a debilidade do estado físico de Victória, o acolhimento é raso, despossuído da força necessária para encaminhar a história de Victória em direção à vida.

Durante o curso do julgamento (finalizado em janeiro de 2003) foram realizados seis Seminários para debater a forma de trabalho das Agências Sociais instituídas para o cuidado à criança. Como resultado dos seminários, foram encaminhadas importantes recomendações de mudanças na estrutura dos atendimentos, nas áreas: Policial, Hospitalar e de Serviço Social. Igrejas não foram mencionadas. Também não houve participação de nenhuma das igrejas que tiveram algum contato com Victória.

Trouxe esse caso para evidenciar os limites de um certo tipo de oferta “para acabar com o sofrimento”. Quando o sofrimento humano explica-se através de causas transcendentais, como sendo males que assolam o corpo como resultado da interferência de uma outra realidade sobre o mundo, a dimensão do cuidado sofre pelos limites dessa posição teológica.

É possível perceber, pela história de Vitória, como a profissionalização do cuidado corre o risco de promover certo grau de indiferença nos cuidadores. Também evidencia os limites de uma oferta para acabar com o sofrimento que parece estabelecer-se mais na promoção da auto-ajuda do que necessariamente no cuidado de si.

auditorium by Pastor Junior who talked first to her and then to Kouao. Informação disponibilizada on line. Acesso em 01.07.04. <http://www.victoria-climbiel-inquiry.org.uk/Evidence/Archive/Sept01/260901latestp3.htm>

Quanto à história de Nádia, sua dor é emblemática na Contemporaneidade. São milhares de pessoas que sofrem com depressão. O cuidado que Nádia busca para si, passa pela Medicina e pela Religião. Mas é na IURD que ela experimenta algo que lhe possibilita a transformação de si.

O que Nádia experimenta?

a) Um ritual litúrgico voltado para a cura

Venha participar das Reuniões da Felicidade! É o slogan apresentado nas propagandas diversas. Nádia reclamava do sentimento de inferioridade em relação ao marido e do lugar que ocupava no negócio onde trabalhavam juntos. Queixava-se de ser “apenas uma figura de decoração”. Pretendendo provar a si e aos outros que é alguém capaz de administrar o próprio negócio, inaugura uma padaria. Adoece no dia imediatamente seguinte à abertura do novo negócio. Sente-se tomada por pavor e medo. Deprime-se e perde tudo. Cheia de dívidas e com sentimento de absoluto desamparo, pensa que sua única alternativa é a morte. Após a experiência assistindo ao programa de TV, Nádia procura a Igreja. No Congresso dos Empresários aprende que o sucesso e a prosperidade são resultantes do esforço próprio, através do exercício de uma fé individual. Reconhece-se em centenas de outras pessoas que lá se encontram e também estão em busca do sucesso e prosperidade. Estes tantos outros que Nádia encontra na igreja constituem-se como espelho de si mesma. Reconhece-se em cada um. Todos desejam o mesmo. O papel de espelhamento nessa configuração litúrgica possibilita a prática de algo que pode ser caracterizado como uma “Terapia de Massa”. Nesse ajuntamento não há trocas interpessoais que possam caracterizar um processo de grupalização, ou configurar uma “comunidade de fé”. São centenas de pessoas que, juntas, recebem o mesmo “tratamento” para os diferentes tipos de sofrimento. Como liturgia, uma escuta individual não toma lugar. Ainda que haja aqueles que buscam um atendimento individualizado, a solução apresentada tanto é

a mesma que se oferece na liturgia, como, também, é a mesma para todos. É ali, na participação do ritual litúrgico, juntamente com centenas de outras pessoas, que a subjetividade de Nádia vai sendo afetada, e se transformando – por contágio.

b) Uma técnica para empoderamento pessoal

O “eu” desaparecido na massa que participa do ritual litúrgico toma uma nova forma de expressão nas ofertas de sacrifício. O sujeito que vem para o Centro de Ajuda Espiritual está fragilizado e vulnerável. Via de regra, sente-se desvalido, com baixa auto-estima, baixa autoconfiança, com o narcisismo ferido. Quando a IURD apresenta o sacrifício como condição para a prosperidade e felicidade, ela exige que a pessoa saia de uma atitude passiva frente ao sofrimento e se decida por realizar um “investimento em si”. Quanto maior for a oferta de sacrifício, maior será o retorno. O ato de sacrificar-se, aqui, não tem o sentido de resignação. Pelo contrário, quando a pessoa entrega mais do que aquilo que possui, ela está colocando um valor em si com um “plus”. De pessoa frágil e desvalorizada ela salta para um estado de valor, pois está fazendo um investimento em si. Ao colocar-se numa posição de valor ela se aproxima de Deus (para quem ela oferece o sacrifício) de um outro modo. Seu pedido vem acompanhado de um valor agregado. Um valor monetário – o dinheiro que nos “identifica” numa sociedade capitalista. “Quem tem dinheiro tem poder”. O dinheiro, símbolo máximo de valor nesse contexto, no momento em que ele é agregado ao ser, o sentimento de desvalia é transformado em sentimento de poder. O sujeito se faz “mais”, faz-se mais desejável, para conseguir algo de um Ser todo-poderoso. Este processo de fazer-se mais (pelo acréscimo do dinheiro) pela oferta de sacrifício, tem um efeito imediato na subjetividade do sujeito. Tem um efeito de empoderamento pessoal. O eu desaparecido na massa, encontra-se consigo, no ato de sacrifício. Esse encontro, entretanto, já é com um “Si” transformado através dessa relação que o sacrifício estabelece com o divino, todo-poderoso que vai atendê-lo,

“com certeza”. A certeza, compreendida como fé, é fundamental/condição para a eficácia do sacrifício. (Esperandio: 2004)

Fazem parte da liturgia, os testemunhos dos freqüentadores atestando a eficácia da tecnologia do sacrifício. Nádia conta que vendeu suas próprias roupas para realizar a Oferta de Sacrifício. No sacrifício da “Fogueira Santa” sua oferta foi de R\$ 600,00, adquiridos pela venda de suas próprias roupas e sapatos.

A técnica do sacrifício evidencia a crença de que tudo depende apenas do indivíduo. As mudanças sociais ou no ambiente parecerão não depender de ação coletiva ou mesmo de outros fatores. Dependem apenas da fé individual e do esforço pessoal. Basta uma atitude positiva frente aos sofrimentos. Basta sacrificar. Produz-se uma ética do sacrifício. Dificuldades financeiras? sacrifica-se às segundas feiras. Problemas na saúde física e emocional? Sacrifica-se às terças feiras. E assim por diante...

c) Uma confissão de si como resistência de si

A vulnerabilidade do self em razão dos sofrimentos vividos faz com que, no espaço das reuniões (também chamadas de “Terapia Espiritual”), os sujeitos entrem mais facilmente em contato com elementos narcísicos mais arcaicos. A expressão infantilizada da “criança-em-mim” aparece em uma cena comum: Pessoas batendo o pé no chão, dando socos no ar e gritando para Deus “eu não aceito a pobreza... eu não aceito isso...” “eu determino que eu vou ter a vitória”. Parece uma cena típica de uma criança enraivecida pelos limites impostos pelo mundo externo. Aqui reside um paradoxo. Ao expressar, pela palavra, a resistência a uma condição de vida inaceitável, reconhece-se a vulnerabilidade e abre-se a possibilidade de re-criação da realidade interna e externa. Entretanto, o desassossego reconhecido é rechaçado. Ao dizer: “eu não aceito...” essa palavra expressa resistência, inconformação, representa o devir. Dita em público, em voz alta, fazendo coro a um coletivo, tem, também, o

poder de constituir o próprio sujeito. “A palavra é essencialmente o meio de ser reconhecido” como nos lembra Lacan E aqui o paradoxo se revela. A “Confissão Positiva”⁶ reconhece o mal-estar. O mal-estar é a própria potência para a criação de uma outra realidade. Entretanto, essa potência do desejo de re-criação é capturada pelo modo de subjetivação dominante e é levada em direção a uma adaptação da subjetividade aos valores (capitalistas) veiculados socialmente. O desassossego, potência de recriação, compreendido como sendo de ordem maligna, é exorcizado. Ao mesmo tempo, contudo, fortalece-se a sensação de onipotência e de grandiosidade do self (Narcisismo). Potencializa o sujeito para o enfrentamento de sofrimentos muito concretos do cotidiano, tais como: doenças, desemprego, drogadição, etc. Por que essas palavras se tornam tão eficazes e (juntamente com as ofertas de sacrifício) marcam um progresso na existência do sujeito? Lacan responde que “a palavra tem função criadora e faz surgir à coisa mesma”. Parafraseando uma frase de Lacan, poder-se-ia afirmar que “o último sentido da palavra do sujeito diante de Deus é a sua relação existencial diante do objeto de seu desejo”. (Esperandio: 2004)

d) Uma busca de salvação como sinônimo de Bem-estar no presente eternizado

A salvação, nessa forma de religiosidade, é sinônimo de prosperidade e sensação de bem-estar. Também é para ser vivida aqui - agora, não num futuro distante ou depois da morte. Neste sentido, não há espaço para a culpa, mal-estar ou qualquer tipo de sofrimento. Estamos na era do gozo. “Fora” sentimento de culpa! Parece que é feio sofrer. O contexto social oferece as pílulas da felicidade no mercado farmacológico. As drogas são um problema mundial que anestesiaram a dor e dão prazer. Na IURD você entra num universo de sensações, num espaço público de

⁶ A Confissão Positiva “se refere literalmente a trazer à existência o que declaramos com a nossa boca, uma vez que a fé é uma confissão”. (Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements, apud Paulo Romero). *Super Crentes. O Evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os Profetas da Prosperidade*. São Paulo: Mundo Cristão, 1993 (p. 6).

catarse, da busca do bem-estar a preço de sacrifício, e no exorcismo do mal e do sofrimento. No universo iurdiano, o sofrimento no mundo não resulta da ação humana ou mesmo de fatalidades da vida. Tão pouco por alguma responsabilidade ou falha pessoal. O mal e o sofrimento têm causa externa ao sujeito e nenhuma culpa há que ser confessada. As dores diversas são produzidas pelos demônios, pelos espíritos malignos, bruxaria, entidades de uma dimensão invisível que se apossam do corpo e da mente do sujeito. Por isso, a necessidade de exorcizar o mal. (Esperandio: 2004)

e) Uma re-afirmação (e resignificação) de certa visão de mundo e de sofrimento

Nádia vem para o Centro com um *background* religioso que não é negado pela IURD. Pelo contrário, a IURD afirma a existência de dois universos paralelos e distintos: O Mundo do Bem e o do Mal. Há na dimensão do invisível uma “guerra espiritual” que faz o ser humano vítima da mesma. O mal, fabricado por espíritos e demônios, podem possuir o corpo do ser humano, causando-lhe doenças, infelicidade, e impedindo seu sucesso e riqueza material. Essa visão de mundo é confirmada em ambas as histórias. Mas, para Nádia, há tempo de resignificação do sofrimento e uma re-adaptação de si aos valores sociais: “Fui ungida para ser vencedora. Eu sou cabeça e não cauda”. Victória, indefesa e necessitada de cuidadores responsáveis, torna-se duplamente vítima do sofrimento que lhe é imposto e explicado como causa sobrenatural.

f) Um processo transferencial que se estabelece no sistema institucional

A IURD possui, hoje, cerca de 40.000⁷ pastores em todo o mundo. Preocupados em alcançar muitas pessoas, e com metas a cumprir, não têm férias e

⁷ Informação obtida em entrevista com um dos pastores da IURD em New York.

não se vêem com direito a elas, pois, “também o diabo não tem férias”. Como a história de Nádia confirma, ficam pouco tempo em cada lugar, sendo constantemente transferidos. Trata-se de uma estratégia para impossibilitar a criação de raízes e vínculos afetivos significativos. Ao iniciar um processo um processo transferencial terapêutico com a pastora da igreja onde Nádia freqüentava, sem nenhum aviso precedente, a mesma é transferida para outro Estado. Desestabilizada pelo “corte prematuro”, Nádia diz “enfraquecer-se na fé”. O pastor substituto afirma-lhe que “seu apego deve ser a Deus, não com pastores ou pastoras”. Isto é reiterado também no ritual litúrgico. Os testemunhos apontam o sucesso pessoal na fórmula: “... então tudo mudou quando entrei para a Igreja Universal”. As correntes de sacrifícios são cotidianamente renovadas e feitas necessárias para “não perder o que fora uma vez conquistado”. É preciso obedecer aos mandamentos divinos (que se resumem, sobretudo, nas ofertas e dízimos e em segundo plano, por uma vida com certo padrão moral). A obediência aos preceitos divinos garante a conquista e manutenção do sucesso e prosperidade.

Considerações finais...

De acordo com a análise foucaultiana, o movimento para alcançar a renúncia a si mesmo é o que distingue o ascetismo cristão. Entretanto, o cuidado de si, como analisado na IURD, parece distanciar-se desse modelo cristão de renúncia a si enquanto renúncia à realidade do mundo. O cuidado de si IURDiano subverte o conceito cristão de salvação, com implicações importantes também na utilização da técnica da confissão. A confissão cristã tinha por objetivo o reconhecimento de si como pecador, uma confissão de culpa. O efeito desse reconhecimento de culpa traduz-se em renúncia a si e a este mundo. Consequentemente, a salvação deve ser gozada depois da morte, fora desse mundo. Na IURD a confissão opera como resistência a exclusão social. “Eu não aceito essa situação... eu determino minha vitória, o meu sucesso”. Essa “confissão sem culpa”, é, antes, uma afirmação de

reconhecimento das várias ordens de sofrimento, inclusive do sofrimento causado pela restrição do acesso a bens de consumo. É, também, uma afirmação que tem a ver com o desejo de integração a esta realidade social, aos valores do neocapitalismo de capacidade de consumo e aparência de felicidade e sucesso. É uma confissão que reconhece o lugar de vítima, mas ao mesmo tempo possibilita a saída dessa condição de vitimização (ainda que seja uma saída ilusória porquanto limitada).

A realidade do mundo e a realidade espiritual continuam sendo afirmadas como duas realidades distintas, mas que se interferem uma na outra. A confissão serve aqui, como instrumento para interferir na realidade espiritual e provocar transformações no si e na realidade material. Contudo, não se trata de uma interferência que tenha finalidade de transformação estrutural e/ou coletiva, mas sim, interferências microcômicas, operando mudanças que afetam a dimensão individual. Sobretudo, com a condição de que a pessoa tenha fé. Uma fé que leva ao reconhecimento do próprio poder pessoal, tornando-se, portanto, uma fé instrumental, utilitária, que se “resume numa técnica que busca na interioridade humana os impulsos que conduzirão a pessoa ao sucesso” (Bobsin, 1995, p. 29). Não é, obviamente, uma fé para salvação na forma como tem sido entendida pelo cristianismo na forma do Protestantismo clássico.

O cuidado de si, aqui, parece assemelhar-se ao desenvolvimento de mecanismos e técnicas de auto-ajuda. Mas, para dar legitimidade à prática da igreja, promove-se, paradoxalmente, a dependência no sistema.

A IURD introduz, também, uma outra técnica no cuidado de si. Trata-se da realização do sacrifício como forma de alçar um outro estado de maior poder e de cessação do mal-estar e do sofrimento. Sofrimento como purificação da alma, renúncia a si e ao mundo que bem caracterizam o Cristianismo, na IURD são práticas que não encontram eco. A felicidade e o bem-estar são objetivos a serem alcançados aqui - agora. Nem num futuro distante, muito menos num outro mundo fora deste.

O cuidado de si IURDiano pode ser traduzido, então, como um conjunto de técnicas para acabar com o sofrimento e o mal-estar. A transformação da subjetividade que se opera a partir da utilização das técnicas do Sacrifício, do Exorcismo e da Confissão Positiva podem ser compreendidas, talvez, como estratégia de sobrevivência e instrumento de adaptação da subjetividade ao *status quo*.

Ao longo deste estudo, as implicações éticas e estéticas dessa forma de cuidado foram se fazendo aparecer. Evidenciou-se que a estilística da existência promovido por essa forma de religiosidade integra-se aos valores próprios de uma

(...) ética neo-liberal: sincrética; flexível; individualista; narcisista, que busca o bem-estar e a felicidade a qualquer preço; sem a fronteira entre sagrado e profano; que enfatiza os recursos internos do sujeito e minimiza a necessidade de relacionalidade. Esta última característica traz importantes conseqüências em relação à constituição da subjetividade, pois, torna-a mais individualista, e também, em relação à sociedade: torna-a menos solidária. Seu discurso ambíguo “confunde-se” com o próprio mercado num duplo movimento: de dessacralização da religião, banalizando-a, e de sacralização do mercado, elevando-o à condição de “validade última”. (Esperandio: 2004)

Urge, na contemporaneidade, que a Psicologia e a Teologia pensem uma prática de cuidado em diálogo entre si e com outras ciências, a fim de que, a nossa prática no cuidado de nós mesmos e do outro seja expressão do nosso cuidado com a vida e com a promoção dela.

Referências

BOBSIN, Oneide. *Teologia da Prosperidade ou Estratégia de sobrevivência?* Estudos Teológicos. São Leopoldo: EST, v. 35, n.1, p. 21-38, 1995.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Religion, Globalization and Subjectivity: the Universal Church of the Kingdom of God in a Perspective drawn from Psychology of Religion*. Texto apresentado em “Spirits of Globalization , Conference” – Oslo, 09-12 de junho de 2004.

FOUCAULT, Michel. *Tecnologias del yo*. Y otros textos afines. 3ª reimpressão. Barcelona: Paidós/I.C.E. – U.A.B., 1996.

Protestantismo em Revista

Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia
Volume 07, mai.-ago. de 2005 – ISSN 1678 6408

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*: parte 1. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 1988.

HENZ, Alexandre de Oliveira. *Acerca do Cuidado: Algumas inferências a partir de Martin Heidegger e Michel Foucault*. Revista Educação, Subjetividade e Poder. Porto Alegre. Nr. 3, vol. 3, p 17-22, jan./jun., 1996.

LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 1: os escritos técnico de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p. 273.

ROMERO, Paulo. *Super Crentes. O Evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os Profetas da Prosperidade*. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.